



12 DE FEVEREIRO DE 2016

Sexta-feira

- WHB FUNDIÇÃO E METALÚRGICOS ACERTAM VALOR DA PLR E GREVE TERMINA
- GM CONCEDE FÉRIAS COLETIVAS EM UNIDADE NO RS
- ANALISTAS CONSIDERAM ARRISCADO USAR FGTS PARA FAZER CONSIGNADO
- INDÚSTRIA PERDE FÔLEGO E DESEMPREGO PODE CRESCER NA CHINA
- MERCEDES-BENZ COLOCA 1.500 FUNCIONÁRIOS EM LICENÇA REMUNERADA
- VAREJO DO PARANÁ REGISTRA QUEDA DE 8,79% EM 2015
- PARANÁ É O TERCEIRO ESTADO NO RANKING DO FATURAMENTO DE FRANQUIAS
- BRASIL AUMENTA EM 46% CAPACIDADE INSTALADA DE ENERGIA EÓLICA
- 'INVESTIDORES ESTÃO DE OLHO NAS EMPRESAS BRASILEIRAS', DIZ CONSULTORIA
- DÚVIDAS SOBRE ECONOMIA GLOBAL DERRUBAM BOLSAS E ELEVAM DÓLAR
- MATÉRIAS-PRIMAS PESAM NOS RESULTADOS TRIMESTRAIS DO THYSSENKRUPP
- 'EMPRESA BRASILEIRA VIVE CENÁRIO DE PESADELO', APONTA RELATÓRIO FITCH
- VENDAS DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO CAEM 20,5% EM JANEIRO, INFORMA ABRAMAT
- RIO TINTO BUSCA FINANCIAMENTO PARA PROJETO NA GUINÉ APESAR DE BAIXA CONTÁBIL
- USIMINAS FINALIZA CORTES DE PESSOAL EM USINA EM SP
- TRT MANTÉM DEMISSÕES NA LG E DETERMINA PAGAMENTO DE INDENIZAÇÃO
- SINDICATO ESTIMA DEMISSÕES DE ATÉ 1 MIL FUNCIONÁRIOS NA TIM
- ANEEL SUSPENDE DECISÃO DA CCEE CONTRA OPERAÇÕES DE COMERCIALIZADORAS DE ENERGIA

- FATURAMENTO DE PEQUENAS EMPRESAS DE SP TEM MAIOR QUEDA DESDE 2002
- BRASIL DISCUTE AMPLIAR PARCERIA COMERCIAL COM O IRÃ, DIZ MINISTRO
- DAIMLER INVESTE US\$ 2,94 BILHÕES EM MOTORES DIESEL
- MÃO DE OBRA QUALIFICADA TAMBÉM É DESAFIO NA INGLATERRA
- ADIAMENTO DE CORTES NO ORÇAMENTO AUMENTA PESSIMISMO DO MERCADO
- EUROPA DECIDE ABRIR INVESTIGAÇÃO CONTRA IMPORTAÇÕES DE AÇO DA CHINA
- RIO TINTO TEM PREJUÍZO LÍQUIDO DE US\$ 866 MILHÕES EM 2015 E CORTA INVESTIMENTOS
- MINERADORAS DE NÍQUEL AUSTRALIANAS SOFREM PRESSÃO PARA CORTAR PRODUÇÃO
- HURTH INFER CENTRA O FOCO EM BROCHAS E ROTATIVAS
- SEM CAIXA, USIMINAS BUSCA SAÍDA PARA EVITAR PEDIDO DE RECUPERAÇÃO JUDICIAL
- INDÚSTRIA RECLAMA DE FALTA DE INFRAESTRUTURA
- PREÇOS DE AÇO SE APROXIMAM DE FUNDO DO POCO, DIZ THYSSENKRUPP
- RENAULT TEM ALTA NO LUCRO APESAR DE BAIXAS NA RÚSSIA
- GOVERNO PUBLICA DECRETO QUE ALTERA ÁREA DA POLIGONAL DE PARANAGUÁ

CÂMBIO		
EM 12/02/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,990	3,990
Euro	4,486	4,488

Fonte: BACEN

WHB Fundação e Metalúrgicos acertam valor da PLR e greve termina

12/02/2016 – Fonte: TRT Paraná



Um acordo realizado nesta quinta-feira (12/02) na sede da Justiça do Trabalho, em Curitiba, encerrou a greve dos metalúrgicos da WHB Fundação S/A. Os trabalhadores e a empresa aceitaram a proposta do juízo sobre as condições do pagamento da segunda parcela da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) de 2015. A não quitação desse benefício foi a causa da deflagração da greve.

Os empregados defendiam o pagamento integral do valor remanescente da PLR 2015, de R\$7.532, em parcela única, conforme ajustado em acordo coletivo firmado em 2014. A empresa, no entanto, alegou ter sido atingida pela crise econômico-financeira, destacando inclusive sua atual situação de recuperação judicial, e propôs a redução do valor para R\$3 mil, parcelado em 12 vezes.

Diante do impasse, a desembargadora Marlene Teresinha Fuverki Suguimatsu, que presidiu a sessão, sugeriu o montante de R\$3.740, a ser pago em 12 parcelas. A magistrada ponderou aos trabalhadores presentes que as condições acordadas devem ser compreendidas como as possíveis diante da atual situação econômica do País. A magistrada destacou ainda que o fundamental no presente é assegurar os postos de trabalho. A proposta do juízo foi formulada com a participação do representante do Ministério Público do Trabalho, procurador regional Luís Carlos Córdova Burigo.

Também ficou ajustado que não serão descontados dos funcionários os dias de paralisação. O retorno aos postos de trabalho deverá ocorrer a partir do primeiro turno desta sexta-feira, que começa às 6h.

Os empregados foram representados pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos Automotores de Autopeças e de Componentes e Partes para Veículos Automotores da Grande Curitiba.



Para mais informações, acesse [AQUI](#) a ata de audiência.

GM concede férias coletivas em unidade no RS

12/02/2016 – Fonte: EM.com

Começou ontem o período de férias coletivas dos empregados da General Motors que trabalham no Complexo Industrial de Gravataí, no Rio Grande do Sul. Eles retornam à atividade em 29 de fevereiro.

Em nota para informar sobre as férias coletivas, a GM lembra que a indústria vive hoje um quadro dramático, onde o mercado automotivo brasileiro registrou uma queda em torno de 30% nas vendas em 2015. Para este ano, a previsão é de uma queda de 50% no mercado comparado ao recorde de 3,8 milhões de veículos vendidos em 2012.

Segundo a GM, a indústria opera hoje com capacidade ociosa superior a 50% e com custos cada vez maiores.

"Nesse cenário de profunda mudança e, apesar da suspensão do terceiro turno, conceder férias coletivas é necessário para adequarmos a produção à atual demanda do mercado", diz a nota da GM, informando ainda que as outras unidades da empresa estão funcionando normalmente.

Analistas consideram arriscado usar FGTS para fazer consignado

12/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Para injetar crédito no mercado consumidor, o governo propôs a criação de uma medida provisória (MP) que permitirá o uso de parte do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e da multa rescisória em caso de demissão como garantia para o crédito consignado.

Segundo o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, a MP, que ainda será votada no Congresso, colocará R\$ 17 bilhões no mercado e deverá reduzir o valor das taxas cobradas para trabalhadores da iniciativa privada, hoje em torno de 35,5% ao ano, conforme o Banco Central (BC).

Embora o governo afirme que a proposta tornará o consignado mais acessível, economistas e analistas financeiros discordam e apontam para o risco que esta facilidade representa para o bolso do trabalhador.

"Esse é um negócio que só traz desvantagens, porque aumenta o endividamento em caso de demissão ao dar como garantia aos bancos a reserva que se tem com uma eventual perda de emprego", avalia o professor de Finanças e Crédito do ISAE/FGV Cesar Augusto França Fernandes.

Se aprovada, a medida permitirá o uso da multa rescisória – que corresponde a 40% do fundo – e 10% do saldo do FGTS para contrair a modalidade de crédito, considerada a mais barata do mercado. Como base de comparação, em 2015 o juro médio do cartão de crédito foi de 431%; o do cheque especial de 287%; e o do consignado de 28,8% ao ano, de acordo com o BC.

Para o diretor de economia da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), Roberto Vertamatti, a ação proposta pelo governo irá aumentar o crédito para o consumo, mas não resolverá problemas estruturais da economia, como o incentivo à infraestrutura e ao setor produtivo.

“O FGTS foi criado para salvaguardar os trabalhadores, principalmente em um momento de grande volume de demissões. E usar o fundo para a contração de crédito é um desvio de função semelhante ao que vimos 12 anos atrás, quando era possível comprar ações da Petrobras e da Vale com esse dinheiro”, opina.



Cautela

Diante do atual momento da economia do país, Vertamatti aconselha que o uso do FGTS para empréstimos seja considerado apenas em casos extremos de dívidas no cartão ou no cheque especial, ou então para o financiamento imobiliário.


Já o educador financeiro Reinaldo Domingos é enfático e declara que o trabalhador deve fugir desta possibilidade. “O FGTS tem o objetivo de dar uma garantia para o trabalhador se reconstruir e manter os gastos se for demitido. É um dinheiro sagrado.”

TIRA-DÚVIDAS

Entenda o que é o FGTS e o que deve mudar com a Medida Provisória do governo:

	Como é hoje	Como deve ficar
Alíquota 	Depósitos mensais de 8% do salário bruto, com correção monetária de 3% ao ano mais Taxa Referencial.	Não irá mudar.
Uso 	Disponível quando há demissão sem justa causa, a aposentados, para quem tem uma doença grave ou para a amortização e liquidação de financiamento imobiliário.	Possibilidade de uso de 10% do saldo e de toda a multa rescisória em caso de demissão como garantia para o crédito consignado.

O que é
Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, é uma reserva financeira para trabalhadores rurais, com carteira assinada, domésticos, temporários e atletas profissionais.



Fonte: Caixa Econômica Federal e Governo Federal.

Indústria perde fôlego e desemprego pode crescer na China

12/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Quando a celebração do Ano Novo Chinês acabar, na próxima semana, muitos dos trabalhadores que regressarem de sua cidade natal para os grandes centros industriais do país poderão não encontrar emprego, pelo menos não nas fábricas.

Diante da desaceleração da economia chinesa, uma das principais preocupações para o Ano do Macaco é o enfraquecimento do mercado de trabalho. Em 2015, a indústria fechou 5,8% de seus postos de trabalho, que somavam em dezembro 93,98 milhões de vagas. Em alguns setores, a queda foi bem mais intensa: a indústria de metais ferrosos teve redução de 17% dos empregos.

Na construção civil, vagas também estão sendo fechadas. E, embora os especialistas destaquem que o emprego no setor de serviços tem avançado — como reflexo da transição do modelo de crescimento chinês, até então muito baseado nas exportações e que, agora, busca se apoiar no mercado interno —, não se sabe se o segmento será capaz de absorver todos os postos fechados na indústria. Por isso, alguns analistas avaliam que o desemprego deve subir.

Protestos

Diretora de Economia do Conselho Empresarial Brasil-China e economista do Bradesco, Fabiana D'Atri afirma que o processo de rebalanceamento da economia não é simples.

“Os setores que eram mais vibrantes, como indústria e construção, perdem ritmo muito rapidamente, e o setor de serviços cresce, mas não tão rapidamente. Temporariamente, gera uma massa de trabalhadores que não tem como se recolocar. Há indícios de que o mercado de trabalho está enfraquecendo, e a taxa de desemprego pode aumentar. ”

Uma das dificuldades para a mudança é que a qualificação de trabalhadores é muito distinta entre os setores. Quem trabalha num canteiro de obras, por exemplo, não pode ir diretamente para o lobby de um hotel, lembra ela.

“Há uma diminuição de trabalhadores na indústria de uma maneira geral, mas alguns setores perdem mais que outros, como é o caso do siderúrgico. Ao mesmo tempo, no entanto, aumentam os trabalhadores na área de serviços. Isso não significa que o desemprego vai aumentar, mas existe aumento de pressão no mercado de trabalho nesses segmentos”, explica Livio Ribeiro, pesquisador do Ibre/FGV e especialista em China.

Entre 2008 e 2014 (último dado disponível), o pessoal ocupado no setor terciário (que inclui serviços) subiu, em média, 3,67% por ano, mas a alta vem se intensificando ao longo desse tempo, com 5,8% em 2014. No setor secundário (que engloba a indústria), a média de crescimento no mesmo período foi de 1,96%, enquanto o ano de 2014 teve queda de 0,3%.

Livio Ribeiro lembra ainda o papel da população da área rural. Segundo ele, o governo pode reduzir ou aumentar a chegada dos imigrantes do campo em busca de vagas nas cidades com a flexibilização ou não da concessão dos chamados hukous, que são os passaportes de trânsito interno na China. Só quem tem esse documento tem acesso a serviços sociais, como a rede de saúde pública ou a escola para os filhos.

“Se cair a quantidade de emprego nas cidades, o governo pode endurecer as regras para restringir o fluxo de migrantes. Há essa flexibilidade na força de trabalho”, explica Ribeiro.

A mudança no modelo de crescimento chinês tem levado indústrias exportadoras a fechar as portas, como ocorreu esta semana com a fabricante de sapatos Xang Ang.

Ao mesmo tempo, a política do governo de reduzir a capacidade de produção da indústria pesada também provoca perda de vagas. Junta-se a isso os planos de Pequim de reduzir o escopo de atuação das estatais, grandes promotoras do emprego nas últimas décadas.

O corte da produção das usinas siderúrgicas pode representar a perda de 400 mil postos de trabalho, segundo o Instituto de Planejamento e Pesquisa da Indústria Siderúrgica da China.

Já foi criado inclusive um fundo, com recursos das fábricas, para compensar quem ficar desempregado e ajudar a financiar projetos como o de incentivo a negócios próprios.

O professor do Insper Roberto Dumas Damas, no entanto, acredita que, a curto prazo, já existe alta de desemprego. "É um processo lento. Agora, certamente o desemprego está mais alto, ainda não deu tempo de o setor de serviços absorver quem está sendo demitido das fábricas, principalmente as exportadoras. Mas a tendência é que (o desemprego) volte a cair."

Atrasos

Um dos sinais do enfraquecimento do mercado de trabalho é o aumento de greves e de protestos de trabalhadores. O número mais que dobrou entre 2014 e 2015, de 1.379 para 2.774, segundo a ONG China Labour Bulletin, que atua pela ampliação dos direitos trabalhistas chineses.

A maior concentração dos protestos se dá na província de Guangdong, com 15% dos casos, berço da indústria exportadora chinesa.

"Atualmente, o principal fator nas disputas trabalhistas é o atraso de salários, geralmente associado ao fechamento de fábricas ou minas e outros problemas nas empresas. Greves por baixos salários e falta de seguridade social também são comuns", explica Geoff Crothall, diretor de Comunicação da ONG.

Embora acredite que até certo ponto os novos setores vão absorver os operários demitidos da indústria e do setor de construção, Crothall pondera que parte dos trabalhadores terá mais dificuldade para encontrar um novo emprego, como é o caso daqueles mais velhos:

"Até certo ponto, outros setores podem absorver esses trabalhadores da indústria, mas trabalhadores mais velhos, de áreas menos desenvolvidas economicamente, terão obviamente mais dificuldade de se reempregar que os jovens em áreas nas quais ainda há demanda por trabalho", afirma ele.

Esses protestos são um lembrete da importância da geração de empregos para a estabilidade política da China. Damas destaca que a legitimidade política no país asiático só se sustenta com crescimento econômico, e o mercado de trabalho é crucial neste contexto.

"A transição do modelo de crescimento pode suscitar tensão social. A geração de empregos é fundamental para a manutenção do governo e evitar um novo protesto na Praça da Paz Celestial, como o ocorrido em 1989."

Para o diretor do Instituto de Estudos para Mercados Emergentes da Universidade de Hong Kong, (HKUST) Albert Park, os novos setores em crescimento vão absorver os operários demitidos das fábricas.

Ele não vê riscos, por exemplo, de um retorno expressivo dos trabalhadores ao campo, como ocorreu após a crise financeira internacional.

"A China não viveu nenhum grande choque como no fim de 2008, então é improvável que isso se repita. Mesmo em 2009, muitos migrantes acabaram voltando ao trabalho depois."

Um dos fatores que devem ajudar neste rebalanceamento do mercado de trabalho a médio prazo é a tendência de envelhecimento da população chinesa. Albert Park não espera aumento do desemprego devido à redução da força de trabalho.

“Claro que, se o crescimento despencar, pode ter aumento de desemprego. Mas a economia chinesa deve alcançar uma taxa de crescimento decente em 2016, de 5% a 7%.”

De todo jeito, será um ritmo de expansão bem mais lento do que nos últimos anos. Entre 2002 e 2011, a China cresceu a taxas próximas de 10% ao ano. E, de 2012 a 2014, o PIB avançou num ritmo superior a 7% anuais. No ano passado, a economia chinesa avançou 6,9%.

Mercedes-Benz coloca 1.500 funcionários em licença remunerada

12/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

A Mercedes-Benz informou nesta quinta-feira (11) que irá colocar 1.500 trabalhadores da fábrica de São Bernardo do Campo, em São Paulo, em regime de licença remunerada a partir da próxima quarta (17).

De acordo com a montadora, a decisão é por tempo indeterminado. A empresa, porém, afirma que poderá rever a estratégia a partir de maio, dependendo das condições do mercado.

A Mercedes já havia aderido ao PPE (Plano de Proteção ao Emprego), que reduz jornadas de trabalho e salários, em setembro. Ao todo, a montadora conta com cerca de 7.000 funcionários na planta de São Bernardo, onde produz ônibus e caminhões.

Segundo a empresa, a decisão foi tomada após a constatação de que as dificuldades enfrentadas no mercado brasileiros irão persistir ao longo deste ano.

MAU MOMENTO.

As montadoras de veículos enfrentam um mau momento no mercado brasileiro, com queda nas vendas e também na produção.

O número de empregados nas fabricantes filiadas à Anfavea (associação nacional das montadoras) caiu 10,2% em janeiro de 2016 em relação ao mesmo mês de 2015.

Já as vendas de carros leves e de veículos pesados tiveram queda de 38,8% entre os meses de janeiro de 2016 e de 2015.

De acordo com dados da Anfavea, as fabricantes de autos cortaram cerca de 28 mil postos de trabalho nos últimos dois anos, fechando 2015 com 130 mil contratados.

Nesse período, novas empresas começaram a produzir no Brasil, como a Chery, a BMW e a Audi, o que evitou uma queda ainda maior nas vagas.

Varejo do Paraná registra queda de 8,79% em 2015

12/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

O varejo no Paraná registrou queda de 8,79% em 2015, revelou pesquisa divulgada nesta quinta-feira (11) pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná (Fecomércio-PR).

As concessionárias de veículos (-26,58%), autopeças (-17,31%) e lojas de departamentos (-13,38%) foram as mais afetadas pela crise econômica e política, segundo a Fecomercio-PR. O quadro funcional também sofreu redução de 2,54% na comparação com 2014.

Os únicos estabelecimentos que apresentaram resultado positivo foram os supermercados (+ 6,82%) e as livrarias e papelarias (+4,86%).

Além disso, o Natal de 2015 foi o pior dos últimos sete anos, com faturamento 12,58% menos do que em dezembro de 2014.

Paraná é o terceiro estado no ranking do faturamento de franquias

12/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

O Paraná é o terceiro estado do país em que as franquias mais faturam e capital, Curitiba, ocupa o quinto lugar no ranking nacional das dez cidades que mais lucraram no ramo de franqueadoras no ano passado.

Segundo o relatório anual da Associação Brasileira de Franchising, as mais de três mil redes que operam no país arrecadaram, juntas, mais de R\$ 139 bilhões em 2015. O crescimento é de 8,3% em relação a 2014.

Para o especialista em franquias e gestão empresarial, Rafael Sartori, o sucesso pode ser atribuído à criatividade e à experiência internacional dos empreendedores. "Muitas pessoas viajam para fora, muitas pessoas têm acesso à informação do exterior, e trazem essas ideias para cá", explica.

E a possibilidade de sucesso nos negócios aumenta quando o franqueador conhece a cidade e o público onde pretende investir – para isso, testar a ideia é essencial. Segundo o especialista, Curitiba costuma ser escolhida por muitas marcas para a realização de testes de novos produtos.

"O curitibano é um público muito seletivo. As pessoas têm uma capacidade crítica maior do que em outros estados. Diziam, antigamente, que se testasse e desse certo em Curitiba, daria certo em qualquer outro lugar do país", conta.

No ranking das dez cidades brasileiras onde as franquias mais faturaram em 2015, Curitiba aparece como quinta colocada, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília.

Entre os segmentos que mais se destacaram estão os de negócios, serviços e outros varejos, que representam pouco mais de 21% do faturamento. O de Alimentação representa 20% e o de Esporte, Saúde, Lazer e Beleza, representam 18%. Todos os dados são de 2015.

Brasil aumenta em 46% capacidade instalada de energia eólica

12/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

O Brasil aumentou em 46% sua capacidade instalada de energia eólica em 2015, acrescentou 2,754 GW de novas instalações.

Com isso, o País passou a somar 8,72 GW de capacidade instalada e conquistou a décima colocação entre os maiores produtores de energia eólica, com 2% da

capacidade global, passando a constar no ranking TOP 10 eólico, elaborado pelo Global Wind Energy Council (GWEC).

A entidade ponderou que o montante corresponde aos projetos totalmente comissionados, mas salientou que parte desse volume ainda depende de conexões com rede de transmissão.

A nova capacidade adicionada pelo Brasil correspondeu a 4,4% do total de novas instalações de geração de energia a partir dos ventos em todo o mundo. Segundo a entidade, em todo o mundo foram instalados 63,01 GW, o que correspondeu a um crescimento da ordem de 17%, atingindo 432,419 GW no final de 2015.

A China, que já é o país com maior capacidade instalada, respondendo por 33,6% do total, foi responsável pelo maior volume de novas instalações, 35,5 GW, ou 48,4% da capacidade adicionada no ano passado. EUA, com 8,6 GW de novas instalações, e Alemanha, com 6,01 GW, também se destacaram com aumento da capacidade.

Segundo a Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), os 8,72 GW instalados no Brasil representaram um investimento total acumulado superior a R\$ 52 bilhões, com a geração de 130 mil empregos por toda a cadeia produtiva, e cerca 16 milhões de toneladas de CO2 evitadas.

'Investidores estão de olho nas empresas brasileiras', diz consultoria

12/02/2016 – Fonte: Paraná Online

Para Antônio Bernardo, presidente da consultoria Roland Berger para o Brasil, a crise que o País atravessa não tirou o apetite dos investidores estrangeiros. O que falta, segundo ele, é que o governo estruture uma estratégia de longo prazo para atrair esses investidores, já que há uma predisposição em buscar retornos melhores para o capital.

O executivo também acredita que as empresas brasileiras terão de repensar suas estratégias, e que pode haver uma onda de consolidações no País. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Em relação à perspectiva para 2016, sob o ponto de vista de crescimento, ele avaliou que o cenário vai continuar a ser negativo.

"Estamos em linha com as médias das previsões que indicam uma queda entre 2,5% e 3% para o PIB. Mas eu vou um pouco contra a corrente. Acredito que tudo vai depender das medidas que forem tomadas pelo governo", afirmou.

"Quando falo com investidores internacionais, que têm uma visão mais de médio prazo, vejo que eles pensam como eu. O País precisa de uma estratégia de longo prazo, para os próximos dez anos, por exemplo. Isso é importante até para que os próprios participantes dos mercados, as empresas de engenharia e os investidores possam se organizar."

De acordo com Bernardo, para que essa estratégia de governo de longo prazo ocorresse, seria importante que fossem encontrados alguns consensos.

"Não seria preciso ir nos detalhes, mas chegar à definição grandes consensos, temas transversais, para os diversos partidos políticos. Quem fez isso muito bem e deveria ser uma referência foi a Alemanha", lembrou.

"Quando o país esteve próximo de uma crise, os dois partidos adversários se uniram, o PSD e o CDU (o Partido Social Democrata e a União Democrata Cristã, da primeira ministra Angela Merkel, são opositores, mas já fizeram coalizões para garantir a governabilidade do País).

O que prevaleceu entre eles? A percepção de que eles até têm divergências, mas que nenhuma divergência pode ficar acima da política e da economia da Alemanha."

Sobre exemplos de temas transversais, Bernardo citou que a conta pública é uma discussão para todos. "A necessidade de liberalizar a economia também. O fluxo comercial, a participação do Brasil nas exportações globais, é muito pequeno. O fluxo comercial do Brasil equivale a 15% do PIB. No México é 60%. Na Alemanha, 70%", disse.

Para Bernardo, o País só conseguirá ser mais eficiente na economia e na indústria com a abertura comercial.

"Hoje, as tarifas de importação do Brasil estão entre as mais pesadas do mundo. Isso nos leva a crer que muito setores não são eficientes porque não estão abertos à concorrência internacional. O Brasil pode ter um posicionamento importante em muitas das cadeias globais. Mas, para ter esse posicionamento, precisa ser mais competitivo."

Questionado sobre um cenário aparente de falta de apetite do setor privado, num momento no qual o setor público, tem restrições para investir, por causa do ajuste fiscal, Bernardo respondeu não acredita nesta falta de apetite.

"Eu converso com muitos investidores. Eles têm apetite. Mas necessitam de um sistema regulatório adequado, necessitam de financiamento privado - que eu acho possível neste momento, se for bem estruturado -, necessitam que não ocorram derrapagens nos prazos, por questões ambientais ou outros problemas que atrasam obras", afirmou.

"Não dá para um projeto atrasar dois, três anos, e os budgets (orçamentos) crescerem 100%, 150%. Mas há muitos investidores estrangeiros interessados, por exemplo, na área de infraestrutura: aeroporto, portos, ferrovias. Só que temos de criar aqui uma base competitiva - nada de favores, mas bases competitivas."

Sobre a visão de especialistas em infraestrutura, que dizem que já não é certo que o Brasil possa atrair capital privado com tanta facilidade este ano, o que poderia até comprometer o programa de concessões, Bernardo disse que há "muita liquidez na economia mundial e os yields (taxa de retorno, rendimentos) dos países desenvolvidos são baixos".

"O do governo alemão, para dez anos, dá 0,4%! Os dos títulos do tesouro americano, para dez anos, são 2,1%. Há uma predisposição dos investidores para assumir mais risco, se puderem ter retornos melhores - desde que as condições sejam mais bem organizadas. O Estado precisa atuar mais como um regulador, um grande orientador, e não precisa estar onde o setor privado está."

Perguntado se a crise política que o governo enfrenta, com uma ameaça de impeachment pairando, afeta o ânimo do investidor, Bernardo avaliou que tudo que gera instabilidade deixa os investidores mais nervosos.

"E, dentro disso, diria que há dois tipos de investidores. Quem tem foco no curto prazo, o investidor financeiro, digamos, foi o primeiro a reduzir posições no Brasil, até como uma reação natural à perda de grau de investimento", comentou.

"Mas há os investidores estruturais, que investem em indústrias, em serviços, e que miram no médio e longo prazos. É nesses que o Brasil precisa focar. E o Brasil precisa também atrair o investidor inglês, francês, que reduziram participação aqui. O governo precisa ir até eles, fazer o que chamo de pesca a linha, para atraí-los."

Sobre eventuais medidas que o governo poderia tomar para atrair esses investidores, ele disse que as concessões são uma oportunidade. "Em aeroportos, o governo reviu o papel da Infraero.

Agora não tem Infraero. Foi um passo importante. Vai fazer diferença no leilão. Na área de energia e de rodovias ainda é preciso rever a discussão para que os retornos sejam mais compatíveis com os riscos. Isso ainda não foi revisto", destacou.

"Precisaria também criar uma equipe de atração de investimentos e agir pontualmente - não de forma genérica - para atrair investidores estrangeiros para cada um dos projetos. O governo tem uma chance nessa área porque há muita liquidez global."

Em relação à saída de Joaquim Levy e a sua substituição por Nelson Barbosa no Ministério da Fazenda, Bernardo afirmou que essa discussão não é muito relevante para o investidor internacional. "É mais para consumo interno. O que fará diferença são as medidas tomadas pelo novo ministro e a maneira como vai comunicar essas medidas."

Questionado sobre que outros setores, além do de infraestrutura, seriam atraentes no Brasil, ele citou a indústria. "Hoje, há um conjunto de ativos industriais com alto potencial, mas que precisam ser reestruturados. Mas, de maneira geral, aqui para nós, na Roland Berger, é claro que está se iniciando um grande processo de reestruturação de ativos de empresas privadas", salientou.

"Em geral, são empresas com bons produtos, uma boa carteira de negócios, mas que estão com problemas de caixa, problemas financeiros sérios, quer seja porque estão muito endividadas, tiveram atrasos na conclusão de seus projetos ou porque estão sentindo a queda na demanda.

Não estou falando das empresas óbvias, que estão na Lava Jato. São outras. E há muitos investidores olhando essas empresas e pensando no potencial de reestruturação. Podem fazer reestruturação financeira, estratégica ou operacional. A reestruturação estratégica passa por consolidação. Um exemplo: no setor automotivo, o potencial é enorme. "

Para Bernardo, na cadeia toda há oportunidades de consolidação e reestruturação. "Haverá também a necessidade de reestruturar empresas de bens de consumo, inclusive de produtos alimentícios. Muitas fizeram grandes investimento, mas a demanda caiu.

Acreditamos também que haverá uma reestruturação nas empresas de varejo - e varejo de vários tipos. Há muito investidores olhando esses setores", comentou, acrescentando que, em função da crise, haverá um momento de pressão: as empresas terão de repensar suas estratégias.

Dúvidas sobre economia global derrubam Bolsas e elevam dólar

12/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

O Ibovespa, principal índice da Bolsa brasileira, fechou em forte queda nesta quinta-feira (11), acompanhando os principais mercados globais, que vivem um começo de ano de forte turbulência.

As preocupações com os rumos da economia mundial, agravadas por novo corte de juros na Suécia e por declarações do banco central dos EUA, e a queda do preço do petróleo pesaram na decisão dos investidores, que abandonaram o mercado de ações e correram para aplicações consideradas mais seguras –títulos de governo dos EUA, por exemplo.

No Brasil, o Ibovespa recuou 2,62% e passou a acumular perda de 9,30% no ano. Na Europa, a Bolsa italiana caiu 5,6%, e a espanhola, 4,9%. Ambas atingiram o menor patamar desde 2013. Em Paris, a perda foi de 4,1%, e, em Frankfurt, de 2,9%.

As ações dos bancos europeus continuaram a afundar: o índice Stoxx 600 (que acompanha os papéis do setor no continente) recuou 6,3%.

O principal temor dos investidores é sobre o desempenho financeiro das instituições em um cenário de baixo crescimento mundial e de juros muito baixos.

A expectativa do mercado é que o BCE (banco central da zona do euro), assim como o do Japão, aprofunde sua política de juros negativos para estimular a economia e impedir o cenário de deflação.

Com a medida, os bancos centrais querem forçar os bancos a emprestar dinheiro e evitar que eles prefiram deixá-lo parado, mesmo que se desvalorizando.

FUGA DO RISCO

Nesse cenário de incerteza, agravado pela queda da cotação de petróleo (que caiu em Nova York ao menor valor em 12 anos), os investidores optaram pela segurança.

O ouro subiu 4,5%, e o retorno dos títulos de dez anos do governo dos EUA chegou a atingir o menor patamar desde agosto de 2012 (quanto maior a procura pelo papel, mais sobe o seu preço e menor fica o retorno, ou seja, os juros).

No caso dos papéis do governo britânico com a mesma duração, o retorno foi o menor da história.

O movimento oposto ocorreu com os papéis de Itália, Espanha e Portugal, países que estiveram no centro da crise da dívida no início da década e que têm altos níveis de endividamento. No caso desses três países, os investidores exigiram rendimento maior para comprar títulos.

CÂMBIO

No mercado brasileiro, o câmbio reagiu ao ambiente de aversão a risco. O dólar à vista subiu 1,33%, para R\$ 3,9802, e o dólar comercial, 1,21%, cotado a R\$ 3,9840.

"Há o temor de que a economia mundial volte a atravessar um período de fraqueza prolongado, o que faz o mercado se proteger no dólar", disse o diretor de câmbio do Banco Paulista, Tarcísio Rodrigues.

Matérias-primas pesam nos resultados trimestrais do Thyssenkrupp

12/02/2016 – Fonte: R7

O grupo industrial alemão Thyssenkrupp divulgou nesta sexta-feira uma queda de 26 por cento em seu lucro operacional do primeiro trimestre, pior que o esperado, e disse que para atingir as metas anuais precisará de melhora significativa nos mercados de matérias-primas.

A empresa especializada em siderurgia e fabricação de elevadores disse nesta sexta-feira que as pressões sobre preços e margens de lucro em seu negócio de materiais - -distribuição de materiais e aço- ofuscou um desempenho sólido em bens de capital, elevadores, componentes e construção de fábricas.

"O negócio de materiais continua a nos preocupar. Estamos ativamente tratando disso com nosso programa de eficiência", disse o presidente-executivo Heinrich Hiesinger, acrescentando que o programa deverá ter papel importante no cumprimento das metas de 2015 e 2016.

O Thyssenkrupp espera que o lucro ajustado antes de juros e impostos (Ebit) no atual trimestre caia novamente na comparação anual, de acordo com apresentação publicada em seu site, puxado para baixo mais uma vez por sua divisão de aço, que responde por um quinto das vendas do grupo.

A unidade de elevadores aumentou seu lucro ajustado operacional em bases anuais pelo 13º trimestre consecutivo, respondendo sozinha por 87 por cento do Ebit ajustado do grupo, de 234 milhões de euros, com um aumento de 25 por cento.

Os números do grupo vieram abaixo da estimativa média de 249 milhões de euros dada por analistas de pesquisa Reuters, assim como as vendas da empresa, que caíram 5 por cento, para 9,55 bilhões de euros.

'Empresa brasileira vive cenário de pesadelo', aponta relatório Fitch

12/02/2016 – Fonte: R7

Num relatório intitulado "Carnaval, válvula de escape para a tristeza", a agência de classificação de risco Fitch Rating traça um cenário nebuloso para as empresas brasileiras.

Na avaliação da agência, que retirou o grau de investimento do Brasil no fim do ano passado, a continuidade dos riscos econômicos, fiscais e políticos, aliada à recente baixa dos preços das commodities, deve levar o rating (nota) das empresas nacionais ao grau especulativo.

Na carteira brasileira, a Fitch atribuiu perspectiva negativa para 53% das empresas. Apenas 6% têm perspectiva positiva. "A combinação de demanda em queda, aumento do desemprego e inflação, taxas de juros altas, preços de commodities em baixa, volatilidade cambial e aperto no crédito criou um cenário de pesadelo para as empresas brasileiras."

Segundo o relatório da agência, assinado por quatro analistas, o fluxo de caixa das companhias neste ano deve cair para níveis inferiores aos verificados na última década. A Fitch considera que apenas 19% das empresas emissoras de papéis, com ratings internacionais, têm forte capacidade de enfrentar os desafios de 2016 sem danos a seus perfis de crédito.

Para a agência de rating - segunda a rebaixar o Brasil, depois da Standard & Poor's -, com a queda da geração de caixa e alavancagem em alta, o risco de refinanciamento deve subir.

"Apesar da pequena quantidade de títulos vencendo em 2016, será preciso sustentar posições de liquidez para arcar com as consideráveis dívidas com vencimento em 2017 e 2018."

Nos últimos anos, a relação entre endividamento e fluxo de caixa das empresas brasileiras cresceu de forma expressiva, segundo a agência. Em 2011, a média era de 3,3 vezes; em 2014 subiu para 3,6 vezes; e em 2015 estava em 4,1 vezes. As maiores preocupações, segundo o relatório, são os setores com alto risco de crédito, como as empresas aéreas, de açúcar e etanol e de construção.

"Também há receio quanto aos segmentos de siderurgia e mineração por causa do baixo preço do ferro e às empresas de médio porte no setor de consumo devido às limitadas alternativas de captação e à falta de liquidez."

Vendas de materiais de construção caem 20,5% em janeiro, informa Abramam

12/02/2016 – Fonte: R7

As vendas de materiais de construção caíram 20,5% em janeiro, na comparação com o mesmo mês de 2015, de acordo com dados deflacionados de faturamento da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat). Este é o vigésimo quarto resultado negativo consecutivo, levando em consideração esta base de comparação. Já ante dezembro, houve alta de 5,0%.

A expectativa da entidade, neste primeiro mês do ano, para o faturamento deflacionado das indústrias de materiais de construção, em 2016, é de retração de 4,5% em comparação com 2015.

As condições adversas que predominam desde o segundo semestre de 2015 permanecem tanto no segmento do varejo, quanto no das construtoras, agravadas pela forte intensidade das chuvas nesse início de ano, que prejudicam o andamento das obras, afirmou o presidente da Abramam, Walter Cover.

"O setor só vai observar uma reação no mercado a partir de abril ou maio", acrescentou.

O executivo disse ainda que a implementação de medidas de crédito para as indústrias de materiais de construção, a retomada do Minha Casa Minha Vida em sua terceira fase, "além das obras de infraestrutura, se de fato implementadas, podem voltar a dar algum fôlego ao setor".

Outro fator que pode contribuir para um cenário menos pior do que o apresentado em 2015 é a substituição de importações e o aumento das exportações, auxiliadas pelo câmbio, concluiu.

Em janeiro, o nível de emprego na indústria de materiais de construção teve queda de 8,9% na comparação com igual mês do ano passado. Ante o mês de dezembro de 2015, a baixa foi de 0,3%.

Rio Tinto busca financiamento para projeto na Guiné apesar de baixa contábil

12/02/2016 – Fonte: R7

A mineradora australiana Rio Tinto vai buscar financiamento para seu mega projeto de minério de ferro em Simandou, na Guiné, apesar da baixa contábil do ativo devido aos baixos preços das commodities e as incertezas de financiamento.

A segunda maior mineradora do mundo informou nesta quinta-feira prejuízo líquido de 866 milhões de dólares em 2015, em grande parte pela baixa contábil de 1,1 bilhão de dólares do projeto de Simandou, avaliado em 20 bilhões de dólares, considerado a maior reserva de minério não explorada do mundo.

Mas a Rio Tinto, investidores e conselheiros disseram que isso não impediria uma busca por financiamento do projeto, que poderá trazer grande impacto econômico para a Guiné.

"Este é apenas um ajuste contábil", disse Alan Davies, presidente do projeto Simandou, da Rio Tinto. "A decisão de hoje não tem impacto sobre o calendário do projeto."

Simandou envolve uma mina de minério de ferro na Guiné central, uma ferrovia de 650 quilômetros e um porto de águas profundas na costa atlântica do país do oeste africano. O seu desenvolvimento já envolve uma série de investidores e promotores internacionais.

Em plena produção, prevista para alcançar cerca de 100 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, a Rio disse que o projeto vai gerar cerca de 7,5 bilhões de dólares em receitas, de acordo com um relatório de 2014. Isso acrescentaria 5,6 bilhões de dólares para o PIB da Guiné, disse a companhia.

Usiminas finaliza cortes de pessoal em usina em SP

12/02/2016 – Fonte: R7

A Usiminas praticamente concluiu o processo de demissão de pessoal em sua usina siderúrgica em Cubatão, no litoral de São Paulo, com corte de 1.400 funcionários diretos desde o início do ano e parada na produção de aço, afirmou o sindicato local nesta quinta-feira.

"Eles começaram a demitir em 19 de janeiro (...) já demitiram 1.400 funcionários diretos. Nos indiretos, os cortes já passaram de 3 mil", disse o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e Siderúrgicos de Santos e Região, Florêncio Rezende de Sá.

Maior produtora de aços planos do Brasil em capacidade instalada, a Usiminas anunciou no fim de outubro que iria desativar temporariamente atividades de produção de aço da usina de Cubatão, mantendo as de laminação. A parada na produção exige corte de 2 mil funcionários diretos, segundo a empresa.

A usina de Cubatão deixou de produzir aço no início deste ano, afetando também outras indústrias como a Votorantim Cimentos, que consome escória siderúrgica para produção de cimento e vai desmobilizar sua fábrica na região para transformá-la em um centro de distribuição.

Segundo Sá, as atividades de laminação da usina da Usiminas em Cubatão estão operando em ritmo "muito lento" diante de escassez de placas para serem laminadas.

Procurada, a Usiminas informou que dos cerca de 2 mil trabalhadores que tinha como meta de corte, conseguiu remanejar 300 para outras áreas da usina, incluindo laminação e terminal portuário.

A empresa informou ainda que fez encomenda no início do ano de placas para abastecer sua laminação junto à Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), instalada no Rio de Janeiro e controlada pela alemã ThyssenKrupp.

As ações da Usiminas exibiam forte queda nesta quinta-feira, recuando mais de 8 por cento às 16h30, em meio a um recuo generalizado do setor siderúrgico e queda de mais de 3 por cento do Ibovespa.

Entre o final de janeiro e início deste mês, as três maiores agências de classificação de risco, Moody's, Standard & Poor's e Fitch, reduziram as notas de crédito da Usiminas, mantendo perspectiva negativa sobre a situação financeira da companhia.

TRT mantém demissões na LG e determina pagamento de indenização

12/02/2016 – Fonte: R7



Em julgamento na tarde desta quinta-feira (11) em Campinas, o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) manteve as 453 demissões na LG em Taubaté - as dispensas foram em dezembro de 2015, mas estavam suspensas pela Justiça. A empresa vai ter que indenizar os ex-funcionários, no valor de quatro salários.

As demissões foram anunciadas pela empresa no último dia 4 de dezembro. Na época, a LG justificou que estava adequando a produção à demanda de mercado.

No dia 19 de dezembro, o TRT suspendeu, em caráter liminar, os cortes. Na ocasião, a Justiça pediu que a empresa comprovasse por meio de balanços patrimoniais e de resultados econômicos que teve prejuízos financeiros que justificassem as dispensas.

Na audiência desta quinta-feira, após análise dos dados financeiros, 12 desembargadores tiveram direito ao voto. Sete foram favoráveis às demissões com o pagamento da indenização, enquanto cinco se posicionaram a favor da manutenção dos postos de trabalho.

Em nota, o Sindicato dos Metalúrgicos afirmou que vai recorrer da decisão solicitando a reintegração dos funcionários demitidos.

Demissões

No início de dezembro, após o anúncio das 453 demissões, o clima envolvendo trabalhadores, sindicalistas e a empresa foi de tensão. Uma greve se estendeu por 13 dias, entre 4 e 16 de dezembro. A paralisação foi marcada por confusão.

A primeira audiência de conciliação no TRT, no dia 15 de dezembro, terminou sem acordo. Na ocasião, a multinacional havia descartado qualquer possibilidade de

reverter as dispensas. Enquanto não havia acordo, 46 dos 453 funcionários demitidos pediram o desligamento da empresa.

A LG demitiu cerca de 750 empregados em 2015. A unidade, que produz celulares, monitores e TVs, empregava cerca de 2 mil funcionários antes destas 453 demissões.

Sindicato estima demissões de até 1 mil funcionários na TIM

12/02/2016 – Fonte: R7

Sindicato de trabalhadores do setor de telecomunicações estima cortes de 800 a 1 mil funcionários da operadora de telecomunicações TIM nos próximos meses, diante da reestruturação que a empresa está promovendo para dar mais eficiência a seu negócio no país.

Os sindicatos do setor têm reunião marcada com a empresa na terça-feira para tratar da reestruturação, disse Luis Antônio Souza, presidente do SinttelRio e secretário geral da Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações (Fenattel). A operadora controlada pela Telecom Italia tem cerca de 13,6 mil trabalhadores no Brasil.

"De fato eles estão fazendo uma reestruturação (...) Nossa estimativa é de corte de 800 a 1 mil pessoas de áreas variadas, técnica, administrativa. Todas as áreas", disse Souza.

O sindicato prevê cortes de funcionários de setores como administrativo, financeiro e técnico, disse Souza. A expectativa é que os Estados mais afetados sejam São Paulo e Rio de Janeiro, no qual está localizada a sede da empresa.

A TIM não comentou as informações sobre demissões, afirmando apenas que promove desde o segundo semestre do ano passado um "plano de eficiência que abrange todas as áreas da companhia, com revisão ampla de processos e atividades". Segundo a TIM, o plano tem como meta a redução dos custos recorrentes de 1 bilhão de reais até o segundo semestre de 2017.

Na próxima terça-feira, a operadora apresentará em Londres as linhas de um plano estratégico para o período de 2016 a 2018, informou a companhia.

A TIM divulgou na semana passada crescimento de 3,3 por cento no lucro líquido do quarto trimestre ante o mesmo período do ano anterior, em um resultado que teve ganhos relacionados à venda de torres de telefonia e criticado por analistas ao mostrar queda na receita de serviços.

As ações da operadora acumulam desvalorização de 12,5 por cento este ano até a quarta-feira. Às 13h54, o papel despencava 6 por cento, enquanto o Ibovespa mostrava baixa de 2,5 por cento.

Aneel suspende decisão da CCEE contra operações de comercializadoras de energia

12/02/2016 – Fonte: R7

Quatro comercializadoras de energia elétrica que haviam tido negócios cancelados por suspeitas de irregularidade conseguiram reverter temporariamente o revés com um apelo junto ao diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), órgão regulador do setor, segundo despacho no Diário Oficial da União nesta quinta-feira.

O braço de trading de energia do banco BTG Pactual, Clime Trading, Nova Energia e Comerc Power conseguiram suspender decisão da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), que havia determinado que as operações fossem recontabilizadas por entender que as empresas tiraram vantagem, de forma irregular, de um desconto dado à energia renovável.

Com a recontabilização, a CCEE pretende reduzir esse desconto, aplicado às tarifas de transmissão e distribuição (tarifa-fio), o que obrigaria as comercializadoras a compensar financeiramente os clientes.

Na época, a CCEE afirmou em nota que a decisão era "de caráter técnico" e que sempre "ajusta" transações de mercado "que não acompanham adequadamente a regulação ou apresentam erros de dados ou informações".

O diretor-geral da Aneel, Romeu Rufino, no entanto, analisou recurso das quatro comercializadoras e entendeu que "é evidente a controvérsia sobre a forma de aplicação... do desconto". Ele também apontou que a polêmica será "examinada com o rigor necessário".

Além das quatro empresas beneficiadas pela suspensão, a CCEE decidiu recontabilizar transações também de Diferencial Energia, FC One, Nova Energia e Prime Energy, em um total de oito empresas atingidas.

Pelas regras do setor, a Aneel tem poder de rever decisões da CCEE. Empresas, CCEE e Aneel não revelaram os valores envolvidos nas transações.

TRANSAÇÕES POLÊMICAS

O desconto sobre a "tarifa-fio" é aplicado para fontes renováveis, como biomassa, eólicas e biogás, e pode variar de 50 por cento a 100 por cento do custo de transmissão ou distribuição da energia envolvida.

No mercado, esses contratos com desconto são mais valorizados, uma vez que permitem redução de custos aos clientes, o que também possibilita que os comercializadores apliquem um ágio maior no preço da energia elétrica.

No entendimento da CCEE, o desconto de 100 por cento nas tarifas só poderia ser atribuído a determinados tipos de usina, como as que geram energia a partir de biogás ou resíduos.

Mas as empresas alegam que "somaram" descontos de 50 por cento, para transformá-los em 100 por cento, em operações que segundo elas foram permitidas pelo sistema da CCEE e validadas por diversos meses.

As comercializadoras sustentam que a polêmica trata-se de um desentendimento sobre interpretação das regras do mercado.

Ao decidir suspender a decisão da CCEE de recontabilizar as operações para analisar melhor a questão, Rufino ponderou que as empresas poderiam sofrer os efeitos do cancelamento de seus descontos em liquidação financeira de contratos pela Câmara, que ocorre nesta quinta-feira e na sexta-feira.

Faturamento de pequenas empresas de SP tem maior queda desde 2002

12/02/2016 – Fonte: G1

As micro e pequenas empresas (MPEs) do Estado de São Paulo registraram queda de 14,3% no faturamento real (já descontada a inflação) no acumulado de 2015 ante igual período de 2014, de acordo com a pesquisa Indicadores Sebrae-SP. Trata-se da maior queda no faturamento anual desde 2002.

Em 2015, a receita total das MPEs paulistas foi de R\$ 597,2 bilhões. Em relação ao ano anterior, houve uma perda de R\$ 100 bilhões. Segundo o Sebrae, essa redução equivale à soma do Produto Interno Bruto (PIB) anual dos Estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba (dados do PIB referentes a 2013, conforme IBGE).

A desaceleração da economia e a queda no consumo das famílias contribuíram para o resultado ruim, de acordo com a entidade. "A piora no mercado de trabalho, a baixa confiança dos brasileiros e a retração nos investimentos contribuem para explicar a redução vista nas compras feitas pela população, das quais as MPEs têm forte dependência", diz o Sebrae-SP.

O desempenho também foi fraco em todas as regiões do Estado. Na comparação de 2015 com 2014, o município de São Paulo registrou uma redução de 18,7% no faturamento; no Grande ABC, a queda foi de 16,2%; na Região Metropolitana de São Paulo, a perda ficou em 15,7% e no interior, o recuo chegou a 12,9%.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2015, houve aumento de 1,3% no total de pessoal ocupado nas MPEs ante igual período de 2014. Por outro lado, a folha de salários paga por elas caiu 3,4% e o rendimento real dos empregados ficou 2,6% menor.

Expectativas

A pesquisa também mostra que, em janeiro, a maioria dos donos de MPEs do estado, ou 52% do total, disse esperar estabilidade no faturamento de seus negócios para os próximos seis meses. Em janeiro de 2015, 55% tinham essa percepção.

Houve aumento dos que não sabem como ficará a receita: de 5% em janeiro de 2015 para 10% em janeiro deste ano. Quanto à economia do País, 41% falam em manutenção no nível de atividade nos próximos seis meses ante 46% de um ano antes. Outros 33% aguardam piora nesse aspecto, igual porcentagem registrada em janeiro de 2015.

Microempreendedor Individual

Os Microempreendedores Individuais (MEIs) de São Paulo registraram queda de 21,8% no faturamento real de dezembro de 2015 sobre o mesmo mês de 2014. A receita total dos MEIs em dezembro foi de R\$ 2,7 bilhões, o que representa R\$ 763,9 milhões a menos do que no mesmo mês de 2014.

Quanto aos setores, os MEIs da indústria viram o faturamento no período cair 29,5%; os do comércio registraram recuo na receita de 20,3% e os de serviços tiveram redução de 19,6% na mesma comparação.

Os MEIs se mostraram mais otimistas que os proprietários de MPEs em relação ao futuro. Em janeiro deste ano, a maior parte (38%) deles disse esperar aumento para seu faturamento nos próximos seis meses. Em janeiro de 2015 eram 28%. Já 35% aguardam estabilidade no faturamento, ante 40% um ano antes. O percentual dos que esperam piora passou de 31% em janeiro 2015 para 22% em janeiro deste ano.

Quanto à economia brasileira, a expectativa dos MEIs muda: eles estão relativamente mais pessimistas do que os donos de MPEs. Em janeiro, a maior parte dos MEIs (34%) disse esperar piora para a economia brasileira nos próximos seis meses (eram 33% um ano antes).

Outros 33% acreditam em estabilidade (ante 26% em janeiro do ano passado). Diminuiu a parcela dos que esperam melhora na economia: de 40% em janeiro de 2015 passaram para 28% em janeiro 2016.

Brasil discute ampliar parceria comercial com o Irã, diz ministro

12/02/2016 – Fonte: G1

O ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, disse nesta quinta-feira (11) que o governo brasileiro discute novas parcerias comerciais com o Irã. O objetivo é aproveitar a recente suspensão de sanções que há anos eram impostas àquele país por grandes potências mundiais, após acordo sobre o programa nuclear iraniano.

De acordo com Braga, o Irã manifestou em novembro o interesse em ampliar o comércio com o Brasil. Nesta quinta, o ministro esteve no Palácio do Planalto para discutir a proposta com a presidente Dilma Rousseff. Participaram ainda do encontro os ministros das Relações Exteriores, Mauro Vieira, e da Fazenda, Nelson Barbosa.

O próximo passo, segundo Braga, será uma conversa com o embaixador do Irã no Brasil, mas ela ainda não tem data para acontecer.

O Irã é um grande produtor de petróleo e gás e domina tecnologia de refinarias, o que interessa ao Brasil. Entre os produtos brasileiros que interessam aos iranianos estão veículos.

“[Os iranianos] manifestaram interesse em vários equipamentos e tecnologia brasileiros. O Brasil tem uma boa relação com o Irã, que acabou de vencer a questão das barreiras [comerciais] e, portanto, é um grande mercado para o nosso país e temos todo o interesse de ampliar esse intercâmbio”, disse Braga.

Plano para o setor de óleo e gás

Braga também foi questionado por jornalistas sobre o plano preparado pelo governo e que pretende estimular investimentos na exploração de petróleo e gás natural no Brasil.

O ministro disse que o projeto “está avançando.” Segundo ele, “estamos muito próximos” da publicação de uma resolução do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) que vai tratar das ações para incentivar o setor.

Daimler investe US\$ 2,94 bilhões em motores diesel

12/02/2016 – Fonte: Automotive Business

Enquanto a Volkswagen enfrenta as consequências do dieseldgate, a trapaça no nível de emissões de 11 milhões de carros, a Daimler faz investimento de US\$ 2,94 bilhões em motores diesel.

O aporte está em curso até 2019 e pretende atender a necessidade da companhia de oferecer propulsores mais eficientes para cumprir as novas etapas da legislação de emissões europeia.

O investimento dará conta do desenvolvimento e do aumento de capacidade produtiva para os novos motores. Parte do montante já foi aplicado. As informações são da agência Automotive News Europe.

Segundo a publicação, a Daimler vai lançar automóveis equipados com sistema de pós-tratamento SCR. A tecnologia deve ser usada em toda a gama de compactos da marca. Por enquanto, apenas os veículos grandes da Mercedes-Benz utilizam o sistema, que exige o uso de Arla 32, agente a base de ureia.

Mão de obra qualificada também é desafio na Inglaterra

12/02/2016 – Fonte: Automotive Business

A indústria automotiva brasileira enfrentou dificuldade para encontrar mão de obra qualificada nos últimos anos, período de crescimento do mercado interno e da produção local de veículos.

O problema parece não ser exclusividade de países emergentes. A Inglaterra enfrenta o mesmo desafio. Há complicação para preencher cerca de 5 mil vagas na região por falta de profissionais qualificados.

A conclusão é de relatório do Conselho Automotivo inglês em parceria com a SMMT, entidade que representa a indústria automotiva da região, que consultou montadoras e fornecedores de componentes com produção no País.

O estudo apontou que, das vagas abertas, 19% são consideradas críticas, de posições estratégicas e com grande impacto na operação das empresas pesquisadas. Entre as posições em que o recrutamento é mais difícil, estão engenheiros, principalmente para a área de design e de produção.

Segundo o relatório, um dos efeitos da escassez de mão de obra é que as empresas têm aumentado a contratação de profissionais temporários e também importado talentos de outros países. O setor automotivo é responsável por 800 mil empregos diretos e indiretos na região.

O problema acontece justamente em momento de crescimento da indústria automotiva na Inglaterra, com 1,59 milhão de veículos em 2015, maior volume em uma década. A expectativa é de que o volume siga em expansão e supere a marca de 2 milhões de unidades em 2020.

O estudo indica ainda que o país teve ganhos importantes de produtividade no setor, com melhoria de 40% desde 2010, o que faz com que a Inglaterra se posicione como a mão de obra mais produtiva da Europa.

O relatório alerta, no entanto, que a atual dificuldade para encontrar profissionais qualificados pode quebrar este ciclo. A crescente demanda por tecnologia na indústria é desafio adicional, já que será necessário para as empresas empregar pessoas cada vez mais capacitadas.

“A indústria automotiva já investiu pesadamente em formação e treinamento para desenvolver uma nova geração de trabalhadores qualificados, mas ainda é necessário mais apoio. A luta para preencher as vagas atrasa o crescimento. É essencial que governo e indústria trabalhem juntos rapidamente para identificar formas de reduzir estas lacunas”, avalia Mike Hawes, líder da SMMT.

Adiamento de cortes no Orçamento aumenta pessimismo do mercado

12/02/2016 – Fonte: Isto É Dinheiro

A decisão do governo de adiar para março o anúncio do corte no Orçamento fez com que piorasse a percepção de risco do mercado financeiro com a economia brasileira.

No mercado financeiro e entre os analistas, o corte no Orçamento é considerado fundamental para sinalizar se a equipe econômica vai conseguir cumprir a promessa de entregar este ano o superávit primário (a economia para pagamento dos juros da dívida) prometido, de 0,5% do PIB.

"O adiamento do anúncio pode mostrar que não existe uma certeza sobre o número", diz Fabio Klein, economista da Tendências Consultoria.

O anúncio do adiamento foi um dos componentes que provocaram a queda da Bovespa na quinta-feira, 11, junto com a deterioração no mercado internacional. A bolsa paulista fechou em queda de 2,62%. O dólar, por sua vez, fechou em alta de 1,43%.

Um contingenciamento estimado entre R\$ 23 bilhões e R\$ 30 bilhões, de acordo com a Tendências, ainda faria com que o governo tivesse um déficit primário de 0,7% do PIB a 0,8% do PIB. "A situação é dramática. O governo não tem meios no curto prazo para fazer com que a despesa caia tanto quanto a receita", afirma Klein. "Na maioria das vezes, o gasto está enrijecido e comprometido", diz.

Dívida em alta

A dificuldade em entregar um superávit primário razoável deverá levar a um novo aumento da dívida pública em relação ao PIB. Nas contas da MB Associados, a dívida bruta deverá chegar a 75% do PIB este ano - encerrou 2015 em 66,2% do PIB. Se o governo realmente quisesse estabilizar a dívida, o superávit primário teria de ser de 4,8% do PIB.

"Poderia eventualmente ser (um superávit) menor se o governo sinalizasse um ajuste forte que permitisse uma queda mais rápida dos juros e a possibilidade de crescimento econômico no momento seguinte", afirma Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. "Mas estamos longe desse cenário. O esforço fiscal necessário hoje está além do que foi feito em 99 e 2003 (anos de ajuste) e não parece haver disposição nem força política por parte do governo para tocar seriamente no problema", afirma.

Por ora, a projeção da MB Associados é a de que a economia brasileira vai encerrar o ano com um déficit primário de 1%. "Há chance de aumentarmos essa projeção para números próximos de 1,5% do PIB", afirma Vale.

No ano passado, o governo previa inicialmente um superávit primário de 1,1% do PIB, mas, com a deterioração do cenário, o número foi mudado, em julho, para apenas 0,15% do PIB. Mas nem isso foi possível entregar. No final do ano, foi registrado um déficit primário de R\$ 120 bilhões, ou cerca de 2% do PIB.

Europa decide abrir investigação contra importações de aço da China

12/02/2016 – Fonte: DCI

Autoridades de defesa comercial da União Europeia abriram nesta sexta-feira três investigações contra importações de produtos siderúrgicos chineses, no mais recente episódio na batalha dos europeus contra uma torrente de produtos vindos de países de fora do bloco.

A Comissão Europeia afirmou que abriu investigações envolvendo tubos sem costura, chapas grossas e aços laminados a quente. Há ainda outros nove inquéritos em andamento.

O órgão executivo da União Europeia também decidiu impor tarifas provisórias sobre laminados a frio produzidos na China e Rússia.

Rio Tinto tem prejuízo líquido de US\$ 866 milhões em 2015 e corta investimentos

12/02/2016 – Fonte: Isto É Dinheiro

A Rio Tinto divulgou hoje que teve prejuízo líquido de US\$ 866 milhões em 2015, revertendo o lucro de US\$ 6,53 bilhões obtido no ano anterior. Pesaram no resultado baixas contábeis de US\$ 1,8 bilhão referentes a um projeto de minério de ferro na África e a ativos de urânio, além de US\$ 3,3 bilhões em perdas cambiais e com derivativos.

Excluindo-se despesas extraordinárias, a mineradora anglo-australiana apresentou lucro subjacente de US\$ 4,54 bilhões no ano passado, 51% menor que o de 2014. O número ficou um pouco abaixo da mediana de US\$ 4,66 bilhões prevista por sete analistas consultados pelo Wall Street Journal.

Diante de seu fraco desempenho e da tendência de queda nos preços das commodities, a Rio Tinto anunciou que revisou seus planos de investimentos de capital para este ano, de cerca de US\$ 5 bilhões para US\$ 4 bilhões, e também para 2017, de US\$ 7 bilhões para algo em torno de US\$ 5 bilhões. Em 2018, a mineradora prevê investir cerca de US\$ 5,5 bilhões.

A Rio Tinto também informou que irá distribuir dividendo anual de US\$ 2,15 por ação, em linha com o pagamento de 2014. De agora em diante, porém, a empresa passará a levar em consideração seus lucros, a perspectiva das principais commodities e a saúde de seu balanço financeiro antes de definir dividendos futuros.

Um pouco antes da publicação do resultado anual, as ações da Rio Tinto encerraram o pregão desta quinta-feira na bolsa australiana, em Sydney, com queda de 1,3%.

Mineradoras de níquel australianas sofrem pressão para cortar produção

12/02/2016 – Fonte: DCI

Mineradoras de níquel australianas estão sob crescente pressão para suspender ou reduzir produção, enquanto investidores olham para anúncios importantes previstos para as próximas semanas, depois que produtores rivais na Nova Caledônia ganharam uma promessa de apoio da França.

Os preços de referência para a commodity caíram mais de 45 por cento desde o início de 2015, para seu nível mais baixo desde 2003, e são vistos com bastante pressão em meio a amplos estoques globais e a desaceleração do crescimento da economia da China, principal consumidor.

A Glencore e BHP Billiton, que estão lutando para sustentar as operações de alto custo de Murrin Murrin e Nickel West, devem apresentar relatórios de produção e de resultados nas próximas semanas. Quaisquer notícias de cortes de produção poderão suportar preços.

"Todo mundo está esperando que o outro pisque primeiro --é apenas uma questão de quanto tempo as pessoas podem esperar", disse Ian Warden, do Grupo AME em Sydney. "Elas (mineradoras australianas) estão no topo da curva (de custo) e sob um pouco de pressão."

E a França, no fim de semana, comprometeu-se a apoiar a indústria do níquel no seu território do Pacífico da Nova Caledônia-blindando outro grande produtor global de alto custo

Hurth Infer centra o foco em brochas e rotativas

12/02/2016 – Fonte: Usinagem Brasil



Uma das mais tradicionais fabricantes de ferramentas rotativas do mercado brasileiro, com mais de 50 anos de atividades, a Hurth Infer entra em 2016 com novos planos em um novo posicionamento.

Após a concretização da venda da área de ferramentas de corte de engrenagens para a norte-americana Gleason, a empresa de Sorocaba vai focar-se inteiramente nas operações ligadas a ferramentas rotativas, brochamento e tratamento térmico.

Aniello Milone, diretor da Hurth Infer, conta que há quatro anos a empresa já havia se decidido a concentrar suas atividades em rotativas e brochamento.

"Nossa linha de produtos era extensa e em áreas distintas, que exigem não só dedicação, mão-de-obra especializada, proximidade com os clientes, mas investimento constante.

Tínhamos de definir onde iríamos colocar o nosso foco e a opção foi pelas brochas e rotativas e nos serviços relacionados a estas ferramentas, áreas em que nos tornamos especialistas".

A empresa produz brochas planas e cilíndricas e soluções para processos de brochamento. Na linha de rotativas, produz ferramentas especiais de metal duro e HSS.

Além disso, o diretor destaca que a Hurth Infer investiu nos últimos anos na abertura de filiais para a prestação de serviços de afiação e recondição de ferramentas.

Em 2010, foi inaugurada filial em Cachoeirinha (RS) e no final de 2014 em Joinville (SC). "A filial de Cachoeirinha está indo bem e a de Joinville está se firmando no mercado, estendendo suas atividades também para o mercado paranaense", informa.

Milone avalia que 2016 será um ano difícil: "se repetirmos o resultado do ano passado podemos dizer que ficaremos felizes", observa. Porém, se diz confiante no futuro e no novo posicionamento da empresa, agora capitalizada. "A venda da área de engrenagens nos trouxe certo fôlego financeiro, importante principalmente num momento como esse".

Sem caixa, Usiminas busca saída para evitar pedido de recuperação judicial

12/02/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo



Siderúrgica corre risco de não ter recursos para manter operações já em março; na tentativa de possibilitar um aporte na empresa, governo de MG montou força-tarefa para mediar um acordo entre os controladores, envolvidos em uma das maiores brigas societárias do País.

Em uma situação financeira complicada, a Usiminas corre o risco de não ter caixa para manter suas operações a partir de março, segundo fontes ouvidas pelo Estado. Há meses tentando vender ativos, sem sucesso, para ganhar fôlego e em renegociação com bancos para alongar dívidas, a siderúrgica mineira, que já desligou três dos seus cinco altos-fornos, em Ipatinga (MG) e Cubatão (ex-Cosipa), tenta encontrar uma solução para evitar que a empresa entre em recuperação judicial.

A possibilidade de um aumento de capital, conforme antecipou o Broadcast, serviço de tempo real da *Agência Estado*, não é um consenso no grupo. Fontes ouvidas pelo Estado afirmam que um aporte, neste momento delicado da empresa, só poderia ser feito se a Usiminas apresentasse um plano de reestruturação para dar credibilidade ao mercado e mudasse a gestão.

Siderúrgica mineira já desligou três dos seus cinco altos-fornos, em Ipatinga (MG) e em Cubatão (SP)“A Usiminas vive um conflito de gestão há tempos, antes mesmo da entrada do grupo Techint (em 2011).

Tanto Usiminas como CSN, que estão altamente endividadas, tentam vender ativos. Mas a atual situação do setor é grave, com a superoferta global de aço e menor demanda da China. Além disso, a crise econômica no Brasil retraiu a demanda, agravando a situação”, disse Pedro Galdi, da consultoria Galdi Investimentos.

A próxima semana será crucial para a companhia. No dia 18, o grupo divulga o balanço do quarto trimestre e a expectativa do mercado é de que a empresa feche no vermelho e a relação da dívida líquida/Ebtida (lucro antes dos juros, impostos, depreciação e amortização) aumente exponencialmente.

No terceiro trimestre, a Usiminas encerrou com prejuízo líquido de R\$ 1,042 bilhão e Ebtida ajustado negativo em R\$ 65 milhões. Em setembro, a siderúrgica tinha em caixa R\$ 2,4 bilhões. No entanto, parte desses recursos, R\$ 1,3 bilhão, estava na Mineração Usiminas (Musa), que barrou a liberação de caixa ao controlador.

A CSN, no mesmo período, registrou um Ebtida de R\$ 853 milhões e prejuízo líquido de R\$ 532,6 milhões. Já a Gerdau reportou um Ebtida de R\$ 1,291 bilhão e prejuízo líquido de R\$ 1,9 bilhão (mas, em termos ajustados, lucro líquido foi de R\$ 191 milhões).

Disputa societária. Com as ações derretendo nos últimos meses, a Usiminas ainda vive uma das maiores disputas societárias do País. A japonesa Nippon Steel e a

Ternium, subsidiária do grupo ítalo-argentino Techint, que fazem parte do bloco de controle, romperam as relações em setembro de 2014. Desde 2015, a Ternium não participa mais das decisões do dia a dia da companhia. Ontem, as ações preferenciais da empresa recuaram 12,37%, para R\$ 0,85.

A crise na Usiminas levou o governo de Minas Gerais a montar uma força-tarefa para mediar um entendimento entre as duas sócias. O objetivo é que as companhias encontrem uma solução para a disputa societária e façam, assim, um aporte na Usiminas, disse ao Broadcast o presidente da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (Codemig), Marco Antonio Castello Branco. Vale lembrar que Castello Branco é ex-presidente da Usiminas. Ele presidiu a companhia por dois anos e sua saída foi tumultuada, sob várias acusações.

Procurada, Usiminas não comenta. A Nippon informou que, em relação à posição de caixa e um eventual pedido de recuperação judicial, o assunto deve ser "avaliado pela administração de Usiminas e que "não tem conhecimento do assunto", mas que quer proteger os interesses da companhia. A Ternium, por meio de sua assessoria, enfatizou que busca um melhor entendimento para um choque de gestão que a Usiminas necessita neste momento.

Indústria reclama de falta de infraestrutura

12/02/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo

A virtual paralisação dos investimentos em infraestrutura torna ainda mais grave a crise para setores que buscam reduzir custos e ganhar competitividade. Por isso, não chegam a surpreender os resultados da pesquisa sobre indicadores industriais há pouco divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Com o aprofundamento da crise numa economia carente de infraestrutura, a indústria registrou, em 2015, queda no faturamento de 8,8% – próxima da aferida pelo IBGE, de 8,3% –, de 10,3% no número de horas trabalhadas e de 6,1% nos níveis de emprego, em comparação com 2014.

Houve melhora de 0,2 ponto percentual em dezembro em relação a novembro, mas, em média, 2015 fechou com 77,5% de utilização da capacidade instalada.

A entidade não faz previsões para o desempenho da indústria em 2016, mas demonstra preocupação com o aperto das contas públicas, o que limita os investimentos em infraestrutura e afeta a competitividade da indústria.

Em 2015, nota a CNI, somente 10,77% dos recursos orçamentários federais foram destinados a investimentos, mas o que se verificou na prática é que os investimentos realmente realizados representaram apenas 2% do Produto Interno Bruto (PIB).

O que foi aplicado realmente em infraestrutura representa uma pequena parcela dessa exígua porcentagem, não passando de 0,45% do que foi orçado, equivalendo a 0,33% do PIB. Como a execução orçamentária deve ser ainda mais rígida em 2016, a entidade tem defendido a ampliação da gestão privada em vários setores da infraestrutura.

Este seria um importante passo para a recuperação da competitividade, considerando que a indústria ainda se ressente de um déficit histórico em infraestrutura.

Reconhece-se que o Programa de Investimentos em Logística (PIL), lançado em 2012, tem permitido alguns avanços, como a adoção do modelo de outorga, mas o governo não tem tomado decisões com o senso de urgência que os industriais reclamam.

“A ampliação do programa anunciado pelo governo aponta na direção correta”, afirmou Robson Braga de Andrade, presidente da CNI. Ele advertiu, porém, que é preciso assegurar condições para a implantação dos programas de concessão e que os prazos sejam cumpridos.

O que se tem notado é que o governo, seja por temer a falta de investidores, seja por questões burocráticas, vem procrastinando leilões de concessão em diversas áreas.

Preços de aço se aproximam de fundo do poço, diz ThyssenKrupp

12/02/2016 – Fonte: Reuters

O grupo industrial alemão ThyssenKrupp está vendo indicações de que os preços do aço podem estar se aproximando do fundo do poço, afirmou o vice-presidente financeiro da companhia, nesta sexta-feira.

Guido Kerkhoff afirmou que a situação atual não é sustentável, com estoques de clientes em níveis baixos, demanda por materiais estável ou em leve alta e tendências positivas de preços nos Estados Unidos e China.

Ele reiterou que a ThyssenKrupp tem interesse em participar da consolidação no setor siderúrgico.

A companhia divulgou mais cedo queda de 26 por cento no lucro operacional trimestral, em um desempenho pior que o esperado pelo mercado.

Renault tem alta no lucro apesar de baixas na Rússia

12/02/2016 – Fonte: Exame



O lucro anual da Renault subiu quase 50 por cento em 2015 com vendas elevadas de novos modelos, apesar da montadora francesa ter reduzido o valor de participação na fabricante do Lada AvtoVAZ em 225 milhões de euros em meio a uma queda do mercado de automóveis na Rússia.

O lucro líquido subiu para 2,82 bilhões de euros ante 1,89 bilhão um ano antes, enquanto as receitas subiram 10,4 por cento, para 45,3 bilhões de euros, disse a Renault nesta sexta-feira. A margem operacional subiu de 3,9 para 5,1 por cento, ultrapassando a meta da empresa de 5 por cento.

Os resultados "marcam um passo decisivo rumo ao atingimento de nosso plano", disse o presidente-executivo, Carlos Ghosn.

O lucro, no entanto, sofreu um efeito negativo de 620 milhões de euros relacionado à fatia indireta de 37 por cento que a Renault tem na AvtoVAZ, e a conta deve subir enquanto injeta mais capital para sustentar a montadora diante da redução da demanda na Rússia.

Além de registrar uma baixa contábil no valor de sua participação --de 321 milhões para 96 milhões de euros- a Renault contabilizou 395 milhões de euros de perdas da AvtoVAZ no ano.

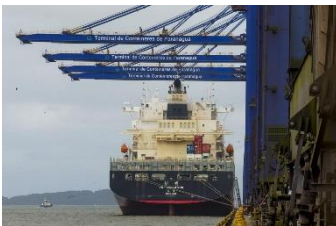
A Renault espera que o mercado russo, que caiu para aproximadamente a metade desde 2012, caia mais 12 por cento este ano.

Mesmo diante de um cenário de fraca demanda em 2016, com a previsão de que a demanda no Brasil também deve encolher mais 6 por cento, a Renault reiterou meta de aumentar receitas e lucratividade no ano.

"Devemos conseguir crescer ou ao menos manter nossas posições de vendas em todas as regiões", disse Ghosn.

Governo publica decreto que altera área da poligonal de Paranaguá

12/02/2016 – Fonte: Exame



O governo federal publicou no Diário Oficial da União desta sexta-feira (12) o decreto que altera o traçado da poligonal do Porto de Paranaguá – na prática, a revisão exclui as áreas privadas da região de abrangência do porto público, ao revogar um decreto de 2002.

A decisão de se alterar a poligonal por meio de decreto havia sido antecipada pela Gazeta do Povo nesta semana. A revisão da área vinha sendo alvo de batalhas judiciais desde 2014, quando a primeira consulta pública sobre o tema foi aberta.

O processo acabou sendo suspenso nos últimos anos por sete liminares contrárias à alteração – além disso, o processo chegou a ser revogado pela própria Secretaria de Portos (SEP).

A revisão da área poligonal é uma exigência da Lei dos Portos – até então, Paranaguá era um dos últimos portos públicos do país que ainda não havia revisado sua área.

A expectativa é que a publicação do decreto, assinado pela presidente Dilma Rousseff e o ministro Helder Barbalho, destrave investimentos em terminais privados no litoral paranaense.

A poligonal do Porto de Paranaguá englobava as áreas da Ilha do Mel e também do município de Pontal do Paraná, onde há a previsão de implantação de pelo menos dois terminais de uso privado.

O que é

A poligonal é a área de abrangência de um porto público, normalmente maior do que o espaço efetivamente ocupado por ele. Engloba, além do cais, os terrenos destinados à atividade portuária, onde ficam depósitos e escritórios.

E também áreas para eventual expansão. As companhias que operam dentro da poligonal têm de se submeter a diversas regras, como a contratação de mão de obra de estivadores avulsos.